

**ANÁLISE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO COLÉGIO
TANCREDO NEVES EM SANTA MARIA/RS**

ANALYSIS OF YOUTH AND ADULT EDUCATION (YAE) AT TANCREDO NEVES
HIGH SCHOOL IN SANTA MARIA/RS

AUTOR: Luiz Enrique Rodrigues Pilar¹

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad²

RESUMO

A partir de pesquisas bibliográficas, observações e o interesse pelo tema em questão, o presente artigo trata da análise da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio Estadual Tancredo Neves em Santa Maria no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma análise do desenvolvimento desta modalidade de Ensino desde a sua implantação na escola, até os dias atuais. Suas configurações e influências no âmbito econômico da comunidade onde está localizada a escola, principalmente servindo de ferramenta de formação de alunos, constituindo assim, as mais variadas tendências na vida dos sujeitos históricos analisados, educadores e educandos.

Palavras-chave: EJA; educadores; educandos; formação de alunos.

ABSTRACT

From literature searches, observations and interest in topic in question, this article deals with the analysis of the Youth and Adult Education (YAE) in State College Tancredo Neves from Santa Maria in Rio Grande do Sul. It's a analysis of development this type of education since it's implementation in the school, to the present day. Your settings and influences on community economic context where the school is located, primarily serving students training tool, thus constituting the most varied trends in the life of the analyzed historical subjects, educators and students.

Key-words: YAE; Educators; Students; Students Training.

¹ Graduando de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Bolsista do PIBID/CAPES Ciências Sociais; E-mail: enriquer_p@hotmail.com

² Doutorado em História da América Latina pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Mestrado em História da América Latina pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Graduada em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Graduanda em Agricultura Familiar e Sustentabilidade pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Docente do Mestrado Profissionalizante em Ensino de História PROFHIST da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e do Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT); E-mail: profleo@ig.com.br

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a modalidade de ensino destinada a contemplar etapas dos Ensinos Fundamental e Médio de jovens e adultos que não finalizaram os estudos da Educação Básica em tempo escolar, por motivações que variam entre as necessidades econômicas da família, reprovação por dificuldade cognitiva, paternidade e maternidade prematura e o próprio desinteresse pelo conteúdo escolar.

O interesse pelo tema surgiu a partir das observações realizadas respectivamente nos anos de 2014, 2015 e 2016 nas disciplinas de Estágio I, III, IV do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, pela inserção no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e pela prática docente que se iniciou na referida escola no ano de 2016.

Este estudo tem por finalidade contribuir para uma reflexão mais aprofundada do tema desenvolvido, mais pontualmente como estudo de caso do Colégio Estadual Tancredo Neves, procurando levantar questões e procurar as respostas para as mesmas, através do estudo sistemático de análise sobre a trajetória da modalidade nesta escola.

Para o desenvolvimento do presente artigo, delimitamos os espaços históricos que fazem parte do cenário educacional investigado. O presente estudo abordará em um primeiro momento a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, trazendo informações que elucidam o contexto histórico da modalidade, desde o Brasil Império até os dias atuais. Em um segundo momento, enfatizará o histórico da escola que é objeto de estudo. Para tanto, buscar-se-á ressaltar as condições, o ambiente escolar e a trajetória desde sua fundação até a presente data. No terceiro ponto, a abordagem se dá na direção da análise da EJA na escola em questão, com o desenvolvimento desta modalidade, seu funcionamento e sua relevância para o contexto educacional da Comunidade Escolar à qual está inserida.

Optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica, baseada em dados e informações concedidas pela equipe gestora na escola. Isso porque não foi possível fazer uso de ferramentas como: entrevista, aplicação de questionários e intervenção no ambiente de sala de aula. Tudo isso, em virtude da falta de tempo por parte dos docentes que enfrentaram juntamente com os alunos, um ano letivo conturbado, resultado dos ataques sofridos pela educação, forçando-os a uma série de manifestações, greves, paralisações e reduções de períodos.

É importante salientar que, durante a pesquisa, o acesso ao documento Projeto Político Pedagógico foi parcial, pois se obteve apenas alguns trechos disponibilizados pela direção da escola.

2. HISTÓRIA DA EJA NO BRASIL

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil vem de longa data, inicia-se mais precisamente bem antes do Império, o ensino da EJA começa a se desenvolver no período colonial, com extrema influência da Igreja Católica através de seus missionários. Esses religiosos exerciam uma prática educativa direcionada mais precisamente à brancos e indígenas, com conteúdo baseado nos dogmas religiosos propostos por seus superiores à época.

No período colonial, a educação foi desenvolvida por religiosos ligados à Companhia de Jesus, e ficaram mais conhecidos como jesuítas. Os jesuítas estenderam seus domínios por toda a colônia, fundaram colégios que desenvolviam uma educação clássica, humanística e acadêmica, pois neste período a educação ficava a cargo da Igreja e não do Estado. É importante salientar que as primeiras iniciativas reais de ensino estavam totalmente voltadas para adolescentes e adultos, as crianças ficaram fora desse contexto, no qual “a educação de adultos teve início com a chegada de jesuítas em 1549. Essa educação esteve, durante séculos, em poder dos jesuítas que fundaram colégios cujo objetivo inicial era formar uma elite religiosa” (MOURA, 2003, p. 26).

Percebe-se que a ideia dos missionários era “educar” conforme as normativas dos colonizadores portugueses, ou seja, seu verdadeiro propósito era a necessidade de mão de obra para atividades extrativistas e para a lavoura (plantio e colheita). Configurou-se assim mais catequizar do que verdadeiramente educar. Contexto esse que mudou com o passar do tempo, pois a educação que os jesuítas proporcionaram aos filhos dos proprietários de terras era diferente. Ou eram preparados para ingressar na vida religiosa e assim assumir a ordem religiosa, ou continuariam seus estudos nas universidades europeias.

A partir da expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias, em 1759, o Marquês de Pombal inaugurou o que chamamos de escola pública no sentido estrito da palavra. Mas logo ficou claro que, sua prioridade não era a educação de adultos, e sim o Ensino Superior, cujos atores não estavam nas classes menos favorecidas.

Sobre esse período, Moura (2003, p.27) esclarece que:

A preocupação com a educação volta-se para a criação de cursos superiores a fim de atender aos interesses da Monarquia, por outro lado não havia interesse, por parte da elite na expansão da escolarização básica para o conjunto da população tendo em vista que a economia tinha como referencial o modelo de produção agrária.

No período republicano o quadro na educação não sofreu grandes mudanças, pois seu modelo continuou a privilegiar a elite dominante, e a população adulta permaneceu em um nível elevado de analfabetismo.

Podemos afirmar que, na segunda metade do século XX, a sociedade brasileira passou por várias transformações em sua estrutura política, econômica, cultural e social. Nesse contexto aparece uma modalidade de ensino chamada Educação de Jovens e Adultos, mais precisamente na década de 50, com o método de Paulo Freire, que considerando a realidade do aluno almeja uma concepção de educação libertadora, promovendo assim, sua emancipação da condição de oprimido para a de cidadão crítico e atuante na sociedade em que está inserido.

Quando os militares chegam ao poder, no início de 1964, o projeto do professor Paulo Freire é rompido. O novo governo de caráter fechado e ditatorial decidiu pela mudança nos rumos da educação e estimula a implantação de um modelo voltado à formação de mão de obra, com norte tecnicista.

Durante a década de 1950, andava a passos largos o processo de desenvolvimento e industrialização do país, e nesse sentido, também se ampliava o desejo de se obter um modelo de educação que suprisse todas as demandas, seja para jovens, como para adultos. Nesta época, destaca-se a proposta de Paulo Freire, nascido em Recife, estado de Pernambuco, em 1921 e, trazia uma nova visão do problema do analfabetismo, direcionando-se mais às classes populares e localizando-os dentro do contexto de estado e sociedade. A proposta educacional de Paulo Freire repercutiu muito bem e se expandiu por todo o país, criando assim, um reconhecimento muito grande sendo nomeada rapidamente por Educação Popular. Esse método proposto pelo pernambucano buscava basear-se numa perspectiva libertadora e de conhecimento prévio dos alunos, procurando compreender suas experiências de vida.

Em 1963, Paulo Freire foi encarregado pelo governo federal a desenvolver o Programa Nacional de Analfabetismo e elaborar um Plano Nacional de Alfabetização. Porém, em 1964, com a implantação do Regime Militar, como citamos anteriormente, interrompe-se o Plano Nacional de Alfabetização, pois o método de Paulo Freire não interessava aos militares,

segundo eles, ele conscientizava as classes populares de sua condição de exploração de sua mão de obra e expunha problemas de ordem política e social. Um verdadeiro saber crítico.

Segundo o próprio Freire relata à Guimarães, a partir desse período, e depois das perseguições que começou a sofrer, Paulo Freire se exilou no Chile (1987, p.79).

Nesse período, Paulo Freire começa a desenvolver outro conceito organizacional de educação: a chamada Educação Popular. Sobre esse novo conceito, Freire (1996, p. 74) é bastante enfático em suas palavras:

“quando falo de educação popular, é que tento que esta educação popular esteja, primeiro, a serviço dos grupos populares ou dos interesses dos grupos populares, sem que isto signifique a negação dos direitos dos grupos das elites. Não estou dizendo que devemos matar as crianças ricas, nem negar-lhes educação. Não, não é isto. Mas o grande objetivo da educação popular está exatamente em atender aos interesses das classes populares que, há 500 anos, estão sendo negados.”

A partir desta afirmação de Paulo Freire, fica evidente que a Educação Popular tem intenções bem claras: é destinada às classes populares. Assim, busca oportunizar aos que até hoje não tiveram as mesmas chances dos grupos de alta classe social. O que Freire propõe é uma concepção de Educação Popular, ou seja, uma educação do povo, como prática de liberdade, como pedagogia da esperança. O núcleo duro da pedagogia é que ela tem que ser forjada com os oprimidos e não para eles, como seres humanos ou povos que necessitam lutar pela recuperação de sua humanidade.

Segundo esse contexto, é nítida a compreensão do que vem a ser Educação Popular e caracteriza-se por três categorias: o *contexto*, a *transformação social* e o *diálogo*. Nesse sentido, o contexto é o ponto de partida para uma melhor organização de educação, após esse primeiro contato aparece o diálogo como ferramenta essencial que possibilita a intervenção e a concretização do conhecimento. A interação entre o educador e o educando deve acontecer de forma horizontal e não como a educação tradicional, onde o *professor* é que detém o saber e o *aluno* nada sabe. O afeto entre esses dois atores é de extrema importância, para que todos os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem possam estabelecer um vínculo de confiança com os outros. Assim, conforme Paludo (2001, p. 52), realizar a educação do povo tendo como base a teoria de Freire significa realizar um trabalho de conscientização política, sendo necessário uma leitura crítica do mundo, onde devam caminhar juntos os processos de

construção e de reconstrução dos conhecimentos e implica ações que intervenham na sociedade.

Na década de 90, Freire teceu considerações sobre os direitos pelos quais devemos lutar para mudar a realidade que enfrentamos, como: desigualdade, condições precárias de trabalho e moradia, *déficit* no ensino, entre outros fatores. Desse modo, o povo precisa ter consciência crítica sobre este momento que se vive, organizando-se com o objetivo de atingir a democratização e, com isso, conquistar os seus direitos historicamente negados. São movimentos onde sujeitos se reúnem em prol de um sonho e também de uma mudança política. Ou seja, pelo respeito ao cidadão, trabalho, educação de qualidade e pela voz que o povo merece ter diante da classe opressora.

A partir de 1997, originou-se o programa Alfabetização Solidária com a proposta de parceria entre o Governo Federal e o Ministério da Educação (MEC), em que universidades, empresas e prefeituras, passaram a fortalecer as ações da EJA junto à sociedade. E em 1998 foi criado o Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), com o objetivo de atender às populações situadas nas áreas de assentamento. Este programa estava vinculado diretamente ao Incra, às universidades e aos movimentos sociais.

Em 2004, o Governo Federal começou a desenvolver o projeto Brasil Alfabetizado, que no início tinha característica de mais uma campanha, com ênfase no trabalho voluntário, prevendo erradicar o analfabetismo em 4 anos, tendo uma atuação sobre 20 milhões de brasileiros. As prefeituras e Organizações Não-Governamentais (ONG's) estavam autorizadas a contratar professores (as) leigos, ao qual recebiam rápida formação inicial. Somente em 2007, após críticas dos profissionais de educação e especialistas na área reavaliou-se e deu-se um novo direcionamento, levando em conta a dimensão do programa. Nesse contexto, diminuiu-se consideravelmente o financiamento das ONG's e a prioridade de investimento foi levada para os sistemas público estaduais e municipais.

No que tange a formação específica para atuar na EJA, existem especificidades para se desenvolver um trabalho qualificado para com um público jovem, adulto e trabalhador. Paulo Freire (1996), nos fala do compromisso que o corpo docente deve ter com os educandos, ele deve ser ético, responsável e comprometido com essa prática pedagógica. Ainda nesse contexto, é relevante enfatizar que os educandos da EJA são produto da brutalização do sistema capitalista, e têm historicamente seus direitos negados, assim é necessário, para o professor (a), conhecer a história da EJA, o ambiente em que vivem os alunos, suas

necessidades e suas práticas, para bem desenvolver uma melhor educação de conscientização solidária e autônoma, conhecendo o sujeito envolvido nesse processo e ao mesmo tempo aprendendo com ele.

A sociedade deve estar atenta às nuances na educação, pois como alertara Freire (1983) referindo-se à Educação Popular, aparecem duas correntes teórico - práticas. Uma maniqueísta que não admite a interferência e nem mesmo a parceria com o Estado, com a defesa de uma nova escola pública de caráter popular e outra de caráter integracionista que propõe a colaboração entre Estado, igreja, empresariado e sociedade, impondo assim, uma extensão da escola das elites para a população comum. Atualmente vemos a segunda opção preponderar sobre a primeira, pois vemos na maior parte das instituições o ensino voltado à certificação na escolarização e apenas a conclusão de um determinado grau de ensino. Este ponto está intimamente ligado à questão da empregabilidade no mercado de trabalho, assim levando-o ao reconhecimento social e à elevação de sua autoestima. Todos esses pontos estão interligados somente com uma intenção: favorecimento do arranjo econômico dominante e fortalecimento da lógica capitalista. Ou seja, elevar a escolaridade, não a educação, em um país capitalista de grande desigualdade social, obtendo assim, um povo educado, mas pobre.

Nesse contexto, pode-se afirmar que o educador deve ter uma sólida formação política e social, para poder enfrentar com força de igualdade as incoerências produzidas por determinadas políticas públicas educacionais. É imprescindível para o educador fazer a análise do sistema educacional e a forma como nossa sociedade se mantém estruturada, e o aluno é resultado direto dessa dimensão social, pois a educação brasileira está calcada na concepção produtivista e exige dele competências sociais que delimitam um perfil profissional adequado às demandas da sociedade.

3. HISTÓRICO DO COLÉGIO ESTADUAL TANCREDO NEVES

O Colégio Estadual Tancredo Neves situa-se à rua Armin Schwarcz, s/nº, no bairro Tancredo Neves, conjunto habitacional, zona urbana do município de Santa Maria-RS, distante do centro da cidade, cerca de 10 Km. A instituição mantenedora é o Estado do Rio Grande do Sul e pertence a 8ª Coordenadoria Regional da Educação (8ª CRE).

O colégio iniciou suas atividades pedagógicas como extensão da Escola Estadual Augusto Ruschi no dia 13 de junho de 1988, emancipando-se em 04 de maio de 1989, sendo a

professora Ana Mariza Silveira a primeira diretora. Conta, atualmente, com o apoio do Conselho Escolar e com o Círculo de Pais e Mestres.

Atualmente, a escola oferece a Educação Básica, nos níveis do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no turno da manhã, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, no turno da tarde e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno da noite. A escola também oferece Atendimento Educacional Especializado (AEE) e o Programa Mais Educação.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem como período letivo a duração por semestre, na modalidade de ensino presencial, organizada em Totalidades, compreendendo os níveis: Ensino Fundamental – Totalidades Iniciais e Finais e o Ensino Médio.

A escola apresenta como principal objetivo a formação integral, resgatando valores da ética, estética e solidariedade, buscando uma educação conscientizadora e humanística que forme um cidadão crítico, politizado e responsável, e que seja um sujeito de construção, apropriação e produção do conhecimento, de forma participativa, com troca de experiências, valorização do saber popular e a coerência entre a teoria e a prática. (PPP, 2016, s/p.)

A escola apresenta instalações satisfatórias, tendo 15 salas de aula e outras dependências como: sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), do Programa Mais Educação, da Orquestra Estudantil, de Recursos Humanos (RH), da Secretaria, do Administrativo Financeiro, do Xerox, da Direção e Vice-direção, da Supervisão, dos Professores, Biblioteca, Cozinha, Refeitório, Banheiros, Passivo, Manutenção, Multimídia, Informática, Quadra de Esportes (coberta), Galpão Tradicionalista (DTCE Alma Gaúcha – Departamento Tradicionalista Cultural Estudantil Alma Gaúcha). Como recursos possui aparelhos de som, microfone, televisores, notebooks, computadores, aparelho de DVD e data show.

4. AMBIENTE ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL TANCREDO NEVES

A relação entre o corpo docente é harmoniosa, num clima animado, o que certamente contribui muito para a tomada de decisões dentro e fora da sala de aula. A coordenação pedagógica, supervisão, vice-direção e direção sempre foram muito atenciosas quando solicitadas, e os professores sempre mantêm uma boa relação com o corpo discente. (Trabalho de Campo, junho/2016)

A escola realiza reuniões periódicas (Pedagógicas e Conselhos de Classe), abertas a professores e alunos e, por vezes, organizadas unicamente pelo corpo docente. Essas atividades contribuem muito para a integração entre todos os envolvidos no processo escolar, constituindo assim, um aspecto muito positivo.

As maiores reivindicações observadas por parte do corpo docente da escola, durante o Trabalho de Campo, estão relacionadas às questões da carreira docente, como salariais e profissionais, além da evasão escolar, desinteresse dos alunos e condições inadequadas de trabalho, sendo essa última, uma crítica às políticas públicas de gestão escolar desenvolvidas pelo Poder Público.

É importante ressaltar que na avaliação os professores utilizam o método *quali-quantitativo*, mas também é incorporado como procedimento metodológico de ensino e pesquisa. O método qualitativo se refere à relação dialógica estabelecida em sala de aula, na construção de pesquisas e oficinas temáticas, uma vez que busca valorizar os traços de aprendizagem, a oralidade e a percepção sociológico-crítica, que o aluno constitui no decorrer de cada etapa superada. Utilizam-se do método quantitativo nos procedimentos finais, no que concerne o fechamento das notas, enquanto exigência pontual prevista no Plano Político Pedagógico (PPP), mas podemos considerar fundamental que, por trás da nota, deverá existir uma aprendizagem crítico-dialógica. (Trabalho de Campo, junho/2016)

5. METODOLOGIA DE ENSINO DA ESCOLA

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Paulo Freire, 1992

O Colégio Estadual Tancredo Neves acredita que a efetivação do direito à educação dos jovens e dos adultos ultrapassa a oferta de vagas, e sim é necessário um ensino adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular. Importante que seja um ensino de qualidade, valorizando e respeitando as experiências dos educandos.

Assim, a escola propõe-se a realizar uma reflexão da realidade social a qual ela está inserida, discutindo sobre como alcançar os objetivos maiores da educação, tornando o processo mais atrativo para que o discente permaneça na escola evitando o abandono. A

escola compreende, nesse contexto, que a educação precisa adaptar-se ao mundo e às suas transformações, ensejando também a necessidade da formação integral, sendo ela capaz de desenvolver, além de competências e habilidades, também atitudes e, com isso, ser capaz de despertar nos estudantes um olhar mais crítico sobre os fenômenos que cercam seu contexto.

Dessa forma, a escola tem buscado formas de educar, de modo a promover uma escolarização cumpridora de seu papel social, planejando o emprego de temas geradores como uma proposta de método de ensino.

Para tanto, a escola acredita que para esse processo se concretizar no ambiente escolar, é necessário que o aluno desenvolva a capacidade de leitura e interpretação das diferentes situações que circundam sua vida e se reconheça como sujeito ativo no meio onde vive. Nesse sentido, não se pode tratar o conhecimento como algo estático e alheio ao que o aluno vive, ou seja, um ensino contextualizado, precisa ser uma prática constante nas escolas, em todos os seus níveis de formação.

No momento que o mundo externo é trazido para o interior da escola, professores e alunos agem de forma coletiva e contínua sobre o reconhecimento do saber. A ação direta do aluno na construção de seu conhecimento é bastante discutida por Paulo Freire. Então, surgem os Temas Geradores, extraídos da problematização da prática de vida dos educandos.

Os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe em si próprio, ainda de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o aluno e a comunidade onde está inserido.

O conjunto cultural formado pelas diferentes pessoas numa mesma sala de aula é extremamente rico. A cultura marca a visão de mundo e é a base onde o conhecimento vai se solidificar. A prática é adoção de situações que cercam a realidade de educandos e educadores. Estes temas precisam ser, não só apreendidos, mas refletidos, para que ocorra a tomada de consciência dos indivíduos sobre eles. Mais do que palavras, os temas são objetos de conhecimento que deverão ser interpretados e representados pelos aprendizes. Os temas geradores podem assumir caráter universal, ou temas mais peculiares, denominados também de situações-limites.

Nesse caso, é fundamental propor ações que permitam o diálogo reflexivo necessário para uma educação libertadora, formando cidadãos mais críticos. A metodologia é

desenvolvida numa perspectiva de interdisciplinaridade e contextualização, de forma a possibilitar práticas dialógicas, humanizadoras e emancipatórias. A utilização da metodologia histórico-social na escola favorecerá uma apropriação eficaz do saber cultural. O “movimento dialético” proporciona uma articulação constante entre a prática e a teoria.

Desse modo, são princípios que devem orientar a prática pedagógica da EJA: o “aprender a aprender” abrange situações de aprendizagem que atendam aos compromissos científicos e filosóficos da escola, SABER CONHECER, SABER FAZER, SER E CONVIVER. A prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão para cada indivíduo os pilares do conhecimento: aprender a conhecer indica o interesse, a abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância; aprender a fazer mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar; aprender a conviver traz o desafio da convivência que apresenta o respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho de entendimento; e, finalmente, aprender a ser, que, talvez, seja o mais importante por explicitar o papel do cidadão e o objetivo de viver.

6. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO COLÉGIO ESTADUAL TANCREDO NEVES: UMA CONSTRUÇÃO DE SABER HUMANÍSTICO

O Colégio Estadual Tancredo Neves conta com 1097 alunos matriculados, desses, 219 só na modalidade EJA, sendo 104 alunos no Ensino Fundamental e 115 matriculados no Ensino Médio, todos no turno da noite. A EJA do Colégio Tancredo Neves conta com 14 professores em seu quadro total, 01 secretária e 03 funcionários para serviços gerais. Na equipe gestora são: 01 diretora, 01 vice diretora de turno, 01 supervisora e 01 orientadora educacional. Em sua organização educacional conta com 10 turmas, divididas em 05 turmas no Ensino Fundamental e 05 turmas para o Ensino Médio. Dessas, tem-se 09 totalidades assim divididas: T- 2 (1º ao 5º ano), T- 3 (6º ano), T- 4 (7º ano), T- 5 (8º ano), T- 6 (9º ano), essas compõem o Ensino Fundamental com 1 turma em cada totalidade; já O Ensino Médio é composto pela T- 7 (1ª série), pela T- 8 (2ª série) e T- 9 (3ª série), sendo 02 turmas na totalidade 7, 02 turmas na totalidade 8 e 01 turma na totalidade 9.

O Colégio Estadual Tancredo Neves, emprega atualmente vários meios para atingir seus objetivos educacionais, como locais e instalações apropriadas, currículos e programas planejados para cada etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA), proposta pedagógica

clara e baseada em princípios filosóficos definidos, métodos e materiais didáticos apropriados à transmissão das várias disciplinas, inclui-se aí laboratórios de ciências e informática e principalmente um quadro de professores qualificados e especializados. Nesse contexto é relevante enfatizar que, nos anos 1970, com os trabalhos do filósofo, psicólogo e pedagogo suíço Jean Piaget (1896-1980), houve uma grande mudança na forma de conceber o ensino/aprendizagem e a relação entre professor e aluno.

Até então, predominava uma concepção tradicionalista, na qual o aluno era tratado como receptor passivo no processo pedagógico. Partia-se do princípio, segundo o qual a memorização, os exercícios contínuos e a repetição constituíam o melhor método de aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor era considerado o único portador e difusor do conhecimento. Em oposição a isso, Piaget desenvolveu uma concepção pedagógica na qual a criança deixava de ser vista como um indivíduo passivo, passando a ocupar uma posição central no processo educativo. Como observamos no decorrer da pesquisa, a escola adotou uma postura em relação à EJA, que a aprendizagem deve estar ligada diretamente às coisas significativas para o aluno, à sua realidade, bem de encontro com a concepção freireana de educação, ou seja, inserida no contexto ao qual ela vive. A partir da construção dessa proposta de educação, os professores da escola desenvolveram um ambiente emocional propício a um aprendizado criativo, sob a égide de uma concepção construtivista, que embora eficaz, apresenta problemas, tendo sua eficiência questionada. Nesse sentido, a direção da escola já cogita a possibilidade de adotar uma posição intermediária entre o ensino tradicional e os novos métodos, aproveitando parte de cada um deles para difundir o conhecimento, como forma de contornar as dificuldades apresentadas.

O Colégio Estadual Tancredo Neves pode ser investigado como um grupo social ou uma instituição. Por um lado, a escola é uma reunião de indivíduos (alunos, professores e funcionários) com objetivos comuns e em contínua interação. Dessa forma, ela constitui um grupo social que transmite conhecimento, ou melhor, constrói conhecimento. Mas também pode se constituir em uma instituição social, ou seja, uma estrutura mais ou menos permanente que reúne normas e procedimentos padronizados, cujo objetivo principal é a socialização do indivíduo e a construção do conhecimento e do patrimônio cultural da sociedade. Em relação à estrutura da escola, percebe-se a coexistência de dois grupos distintos mas interdependentes: os educadores e os educandos. Os educadores (diretor, professores, orientadores pedagógicos e auxiliares) representam um grupo maduro, geralmente de idade

mais elevada do que os alunos, mesmo os frequentadores da EJA, integrado aos valores sociais vigentes. Sua principal tarefa consiste em transmitir aos educandos esses valores sociais, além dos conhecimentos básicos necessários, de modo a prepará-los para a vida em sociedade. O grupo dos educadores da escola ocupa um *status* que lhes permite conduzir o processo educativo, estabelecer normas e exercer liderança sobre os alunos.

A interdependência entre educadores e educandos se estabelece desde o início do processo pedagógico: um existe em função do outro. Nesse tempo de pesquisa junto à escola, podemos perceber que as formas pelas quais se manifesta essa relação é que variam, indo das que se estabelecem por meio da cooperação – em que ambas as partes apresentam uma interdependência saudável e significativa no processo educativo – às que se desenvolvem por meio de conflitos – como quando a indisciplina impede a evolução da aprendizagem de uma classe ou quando o professor não inspira confiança aos alunos.

Existem diversos métodos, princípios e formas de educação. O construtivismo, por exemplo, é considerado por muitos a forma mais adequada para a absorção do conhecimento, pois se assemelha a uma aventura intelectual. Mas há os que preferem um modelo de ensino mais tradicional, baseado na imposição do professor sobre os alunos e em uma estrita disciplina. Além desses dois grupos básicos (educadores e educandos), é possível identificar na escola vários outros, tais como: grupos de idade e de sexo (adultos, crianças e jovens; meninos e meninas; garotas e rapazes); grupos associativos (que se formam entre os alunos no dia a dia da escola); grupos de ensino (classe).

6.1. Mecanismos reguladores na Educação de Jovens e Adultos na escola

Seja como instituição, seja como grupo social, o Colégio Tancredo Neves procura refletir os valores da comunidade em que se encontra inserida. Ao mesmo tempo, em seu interior ocorrem interações e são elaborados mecanismos reguladores bem como específicos, como liderança, normas e sanções. (Trabalho de Campo, junho/2016)

O professor exerce sobre os alunos uma liderança institucional, isto é, que decorre de sua própria posição na estrutura da escola. Mas o bom andamento das atividades escolares depende também da liderança positiva exercida por alunos que, por suas características pessoais (ou por seu carisma e/ou personalidade), se colocam em posição de orientar os grupos que surgem. A contrapartida disso é a liderança negativa, quando a orientação dada

pelo líder pode colocar em xeque a liderança institucional do professor. Neste caso, ocorrem conflitos e rupturas no grupo.

No decorrer deste estudo, notou-se a existência de normas na Educação de Jovens e Adultos do Colégio Tancredo Neves. Essas normas são regras que orientam o comportamento de alunos e professores. Assim, espera-se que o professor esteja presente nos horários das aulas, cumpra o programa estabelecido, responda as dúvidas dos alunos, etc. Dos alunos também se exige que respeitem os horários estabelecidos para o desenvolvimento das aulas, realizem as atividades propostas pelos professores, estudem o conteúdo ensinado e usem roupas adequadas.

Outro tipo de norma vigente na escola são as normas pedagógicas, que se referem ao desempenho escolar. Elas estabelecem critérios para avaliação dos conhecimentos adquiridos, pelos quais se pode chegar à reprovação do aluno quando há insuficiência. As normas pedagógicas também envolvem a supervisão da participação do aluno no processo educativo, suas atitudes em sala de aula, os cuidados com o material, etc.

Nesse contexto da escola também se percebem sanções que podem ser de dois tipos: administrativas e grupais. As administrativas baseiam-se na legislação e nos regulamentos internos da escola, como por exemplo, suspensão e dispensa por atitudes consideradas graves e reprovação por infrequência. Já as grupais, são aplicadas pelos vários grupos e atingem tanto alunos quanto professores. Podem assumir a forma de zombaria, rejeição pelo grupo, indisciplina, falta de colaboração, desacato e avaliação negativa pelo mau comportamento em detrimento de boas notas.

7. OS ALUNOS COMO SUJEITOS HISTÓRICOS

O que integra o ser humano à sociedade e à grupos sociais é o patrimônio cultural repassado. Essa transmissão se dá a partir do momento em que uma pessoa nasce e o fio condutor destes saberes, embora inicial, é a família. Nesse contexto de convivência ampla, inicia o processo de interação com os chamados círculos da sociedade e podemos notar que, a pessoa assimila valores e normas por meio da educação. Isso se dá através de um processo evolutivo desenvolvido com o auxílio dos objetivos da educação, como: transmissão da cultura, a adaptação dos indivíduos à sociedade, o desenvolvimento de suas potencialidades e de sua personalidade.

A criança, mesmo antes de sua inserção no ambiente escolar, aprende regras de comportamento do grupo social que está mais próximo de sua família, assim iniciando seu processo de socialização. Esses procedimentos iniciam logo que ela dá os primeiros passos e articula as primeiras palavras, ou seja, quando começa a se comunicar com os outros seres humanos. Esses fatores são imprescindíveis para a boa convivência no meio em que vive. A partir de um dado momento, o processo educativo vai gerando maior complexidade, acarretando maiores dificuldades para o educando em fase de evolução contínua, o que configura uma realidade permanente, interminável, acompanhando-o pelo resto de sua vida, tendo ele acesso ao Ensino Superior ou não.

Em poucas palavras, o educando estará aprendendo sempre coisas novas, seja Educação Técnica de preparação para o mercado, ou a construção de uma carreira acadêmica. Nisso é relevante destacar também as informações adquiridas, os valores desenvolvidos ou até mesmo as formas de comportamento. O que é correto afirmar que, a educação não é um processo de aprendizagem passivo e nem deve ser, pois o aluno tem reações e atitudes, formas de sentir e pensar que exercem influência na sua vida educacional e, isso de forma que, deve ser respeitado pelos educadores como parte de todo um contexto, onde as duas partes, tanto educadores quanto educandos estão envolvidos de forma direta.

O processo educativo é formado pelo binômio ensino/aprendizagem e por uma infinidade de interações que fazem com que o aluno seja sujeito, e não apenas objeto desse processo. Além disso, a educação permite que o educando, ao crescer intelectualmente, também possa interferir no meio social em que vive, ajudando a incorporar inovações e até mesmo modificar padrões culturais estabelecidos – ou seja, contribuindo para transformar a sua própria realidade. Isso se dá muitas vezes através do contato diário com a assimilação dos hábitos de cada grupo social, pela observação do comportamento dos mais experientes e pela convivência com os outros membros da sociedade. É realizada sem nenhum plano ou projeto, sem local ou hora determinada. Todas as pessoas, grupos e a sociedade em geral participa dessa forma de educação. Até mesmo em comunidades mais isoladas, onde ainda não há escolas, a educação assistemática, como é chamada, é a única forma de educação existente.

Podemos dizer que, nessas comunidades, crianças, jovens e adultos aprendem ao participar ativamente da vida familiar e comunitária. Assim, tornam-se sujeitos históricos acima de tudo, participantes através da *práxis* educacional.

Vivemos numa sociedade em que a violência, a exclusão, a discriminação, a dominação, enfim, a desumanização são uma realidade gritante, e no ambiente em que estes alunos convivem não é diferente. Nesse contexto os educadores do Colégio Tancredo Neves são desafiados a serem verdadeiros educadores, buscando fazer da escola um espaço-tempo de vivências mais humanizadoras do que a rua, o mercado de trabalho, a exploração capitalista e tantos outros mecanismos de agressão à dignidade de meninos e meninas, de homens e mulheres. Então, educar é humanizar; é ensinar-aprender. Mais do que pelas teorias e conceitos, aprendemos a humanização convivendo, dialogando, cooperando, envolvendo-nos em processos de ensino-aprendizagem em que cada um, educando e educador, possa ter consciência de seu papel histórico nesse processo educacional.

Nem o ser humano nem a história estão pré-determinados, mas abertos e modificáveis segundo as decisões, utopias, projetos e ações que homens e mulheres assumem na medida em que, na história e como história, se humanizam no mundo, com o mundo e com outros indivíduos, num continuado e inacabado processo de *estar sendo*. Como corpos conscientes, com sensibilidade, reflexão, diálogo, imaginação e ousadia, os seres humanos podem modificar e recriar os direcionamentos do processo histórico, muitas vezes transcendendo as situações concretas herdadas de gerações anteriores, embora num primeiro momento tenham sido condicionados pelo legado sócio-histórico-cultural do grupo social a que pertencem, num determinado espaço-tempo.

Para isto, é nítido que a escola esteja incumbida a trabalhar mais especificamente com o conhecimento, como elemento impulsionador, motivador ou desafiador de diferentes atitudes perante às dificuldades impostas pela vida. Somente superando uma concepção mecanicista e cientificista do mundo e da educação, assentada em concepções dogmáticas, será possível desencadear uma *práxis* educativa dialógica, reflexiva e criativa, capaz de gerar transformações na realidade e nos próprios educandos e educadores que vão aprendendo a se assumirem como agentes ativos. Para tanto, nunca se deve desprezar o conhecimento menos consciente ou menos reflexivo desses jovens e adultos; pelo contrário, deve-se sempre partir do senso comum, da leitura de mundo e de vida ainda não sistematizados, para chegar-se a uma concepção mais reflexiva, crítica e sistemática que contribua para desenvolver em todos (as) processos de conscientização.

A inserção crítica do ser humano no mundo se dá como corpo consciente, graças à sua sensibilidade ao contexto e à sua capacidade de reflexão; sem experimentar a realidade e

sobre ela refletir não há criticidade, não há conscientização, não há ação transformadora. A conscientização não é um momento anterior ao engajamento e à luta transformadora. Há uma dialeticidade intrínseca ao processo, onde simultaneamente os educandos tem de se conscientizar para lutar e lutando se conscientizam.

Não se trata de criar escolas de conscientização para preparar pessoas que ali aprenderão como, depois, transformar a sociedade. É na *práxis* e na reflexão sobre a luta que a tomada de consciência se aprofunda enquanto processo educacional, implicando sempre mobilização e comprometimento transformador, esse é o verdadeiro papel da Educação de Jovens e Adultos do Colégio Tancredo Neves, conscientizar para a luta, como agente transformador. E nesse cenário de opressão velada, reflete-se sobre essa realidade que se experiência, pode-se alcançar a razão de ser das coisas relacionadas à educação e é na dinamicidade da reflexão sobre as diferentes facetas da luta que ocorre o aprofundamento e a intensificação do processo de conscientização.

Leitura do mundo e leitura da palavra se fecundam reciprocamente, intensificando cada vez mais a reflexão e o engajamento. Daí a importância da ligação entre teoria e prática, entre os conteúdos e a vida, ao mesmo tempo que uma boa fundamentação teórica precisa da vivência concreta, da experiência cotidiana e social. Assim, evita-se o risco de os conteúdos trabalhados em sala de aula caírem no vazio e se tornarem “cultura morta”, sem sentido e sem motivação para a vida de homens e mulheres, meninos e meninas, que vivem interagindo entre si e co a realidade ao seu entorno e se constituem num entrelaçamento de sensibilidades, sentimentos, ideias, palavras, ações, reflexões, comparações, juízos, análises, imaginações, intuições, diálogos, decisões, rupturas, invenções, criações, responsabilidades, sonhos e projetos, dando a possibilidade ao aluno de escrever a própria história, de trilhar seu caminho, a escola em questão auxilia na construção da coragem de dar novos rumos à própria trajetória, a qual vai se fazendo pelo seu sentir/pensar/agir.

Descobrimo-se na condição de não-sujeitos, reconhecendo a subjetividade do(a) outro(a), dialogando homens e mulheres, mesmo em situações estruturais de alienação e dominação, a escola poderá ajudar a encontrar luzes e brechas para iniciar processos de transformação desta realidade e da sua nova auto- configuração enquanto sujeitos. No que diz respeito aos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, Gasparin (2007, p.109) afirma:

Na interação entre professor e aluno dá-se o confronto entre os conceitos ou conhecimentos espontâneos e os conhecimentos científicos. Os conceitos científicos

descem à realidade empírica, enquanto os espontâneos ascendem buscando sistematização, abstração, generalização. Por isso, a aquisição dos conceitos científicos implica a reconstrução dos conceitos espontâneos numa articulação e transformação recíprocas [...]

Os educandos, como sujeitos aprendentes, ativos e participantes, realizam sua aprendizagem – autoaprendizagem – a partir do que já sabem e na interação com seu professor e com seus colegas, isto é, na interaprendizagem. A interação constitui, dessa forma, uma corresponsabilidade de professor e alunos no processo de aprendizagem.

A partir disso, o educando da EJA torna-se sujeito na construção do seu próprio conhecimento, resultando na compreensão de sua realidade, dos processos de trabalho, de criação, de produção e de cultura. Portanto, ele passa a se reconhecer como indivíduo central do processo e a confirmar os seus saberes adquiridos para além da educação escolar, para o seu cotidiano, para sua vida. Essa é uma justa comprovação de que esta modalidade de ensino pode e deve permitir a construção e a apropriação de conhecimento para o mundo do trabalho, para o exercício da cidadania e para a construção de seres humanos identificados com as lutas e desafios que a vida proporciona, de modo que o educando resignifique suas experiências socioculturais.

7.1. A EJA da teoria à prática

A Educação de Jovens e Adultos vem para auxiliar na concepção de um processo voltado para a análise das características da formação inicial e permanente da maioria das profissões e nos permite vislumbrar de que forma elas centram-se na aprendizagem de alguns conhecimentos, principalmente dando a devida importância ao conhecimento cotidiano trazido pelo aluno.

A principal questão desenvolvida pela escola investigada a partir desta modalidade de ensino é tornar claro o conteúdo e as disciplinas conceituais que se localizam desligadas da prática profissional. Fazer uma associação entre teoria e prática, incrementada com a análise de programas e provas aplicadas. Se nos detivermos em analisar as propostas curriculares de grande parte dos países, poderemos verificar de que forma a pressão dos futuros estudos universitários, por um lado, e uma concepção generalizada sobre o valor intrínseco dos saberes teóricos, por outro, deram lugar a uma educação que prioriza os conhecimentos sobre a capacidade do educando, a ser aplicada na prática, apesar de o Poder Público defender um

ensino baseado na formação integral, esta entendida como o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa para poder intervir de modo eficaz nos diferentes âmbitos da vida.

Nesse sentido, é relevante destacar a característica do saber pelo saber deve-se acrescentar a concepção do sistema escolar de caráter claramente propedêutico e seletivo, que entendeu o ensino como um percurso de superação de etapas sucessivas mediadas cada uma delas por demandas da etapa superior. Dessa forma, a etapa da Educação Infantil é vista como o meio de preparação para o Ensino Fundamental que, por sua vez, tem como objetivo preparar para o Ensino Médio, e esta, finalmente, é o instrumento para a superação de exames avaliativos, vestibulares e provas de concurso. Desse modo, essa verdadeira “carreira” sempre é seletiva, posto que nem todos os cidadãos e cidadãs de um país podem ser universitários e, portanto, ao longo do processo, muitos são rotulados como “fracassados”.

Essa dinâmica educacional, baseada na superação de níveis, que determina que os conteúdos prioritários do ensino não são aqueles que deverão desenvolver todas as capacidades do ser humano, mas sim os necessários para superar os exames seletivos que citamos anteriormente. O resultado é um sistema escolar que, ao fim, forma nas capacidades para poder responder de modo eficaz a alguns obstáculos impostos pelo sistema vigente, de forma geral, na reprodução por escrito, de forma mais ou menos literal, de alguns conhecimentos e alguns procedimentos os quais se transformaram em rotineiros. Como consequência, a escola se reduziu a um simples instrumento de transmissão das necessidades que surgem no caminho da universidade ou anterior ao mercado de trabalho. Nesse contexto, aparece um ensino centrado em matérias ou disciplinas selecionadas com critérios arbitrários, muitas vezes como resultado da tradição, quando não como resultado dos interesses de determinados coletivos profissionais; e, posteriormente o desenvolvimento de cada disciplina sob critérios da lógica da própria matéria, a partir da concepção do saber pelo saber, provocando a depreciação da prática sobre a teoria.

A modalidade EJA tenta romper com esse paradigma, aperfeiçoando cada vez mais um saber humanístico e dotado de conteúdo prático, levando em consideração a experiência de vida dos educandos, como enfatizava Freire (1996, p.30). A tudo isso devemos acrescentar que, como dispomos e aprendemos e a capacidade que temos para transferir e aplicar esse conhecimento em diferentes contextos. Atualmente, sabemos que a aprendizagem da maioria dos conteúdos é uma tarefa árdua, na qual a simples memorização de enunciados é insuficiente para sua compreensão, e que a transferência e a aplicação do conhecimento

adquirido a outras situações diferentes somente é possível se, ao mesmo tempo, tenham sido realizadas as estratégias de aprendizagem necessárias para que ela tenha resultados satisfatórios.

Esses pontos vão de encontro com a pressão do saber teórico acadêmico e das ideias errôneas sobre a aprendizagem e a transferência dos saberes que determinam a preponderância dos conhecimentos factuais e conceituais, tanto é assim que para a maioria dos professores a expressão “conteúdos de ensino” se limita apenas aos conhecimentos, ou seja, ao saber, dando por certo que os procedimentos, as habilidades, as estratégias, as atitudes e aos valores são outra coisa, quer dizer, não são objetos da educação e, portanto, não são conteúdos de ensino. A EJA entra aí como uma modalidade com um diferencial: construir o conhecimento juntamente com o educando, levando em conta sempre suas vivências e suas experiências como fator importante nesse processo de aprendizagem mútua, onde tanto o educando aprende quanto o educador.

No contexto da escola investigada, transparece ao longo das aulas, que os professores da modalidade, preocupam-se muito em formar não somente alunos qualificados para o mercado de trabalho, e sim indivíduos reflexivos, com capacidade de discernimento e múltiplas habilidades, para no mínimo desenvolverem um determinado equilíbrio entre conhecimento e bom senso.

Passando pela perspectiva do aprendiz, algumas turmas mantêm concentração nas aulas, buscando um entendimento acerca dos conteúdos propostos. Por outro lado, existem turmas que tem uma maior dificuldade de concentração coletiva e assimilação e é para essas turmas que os docentes devem dar uma atenção especial, e desenvolver um trabalho mais detalhado e direcionado, auxiliando na compreensão do ambiente de ensino e demonstrando-lhes sua significativa importância no processo educacional e no mundo. (Trabalho de Campo, jun/2016).

A familiaridade com determinadas questões relacionadas ao “seu” mundo, é fator estimulante para os educandos. A cidadania é um dos fatores que destacamos como um dos principais pontos discutidos em sala de aula, pois cada um se identifica e estabelece sua participação. Outro conceito importante trabalhado pelos docentes da escola é o ideal de justiça social, abordado não somente como conteúdo, mas também como apoio à questões sociais do cotidiano, portanto, há uma nítida ruptura com a educação tradicional, tida como pedante e dogmática pelos próprios alunos.

Já é notório, há algum tempo, que a educação tradicional entrou em colapso e se faz necessária a concepção de um método que preencha as lacunas existentes dentro do sistema educacional. A ascensão de um ensino baseado no desenvolvimento de competências vem motivada pela crise de, pelo menos três fatores: em primeiro lugar, as mudanças na própria universidade, instituição que, apesar de ser pouco dada a inovações, a partir da necessidade de convergência europeia, está se replanejando profundamente, tanto sua estrutura quanto seus conteúdos. Nesse processo existem diversos pontos de vista sobre a extensão e as características das diferentes áreas universitárias; no entanto, não está sendo objeto de controvérsia o fato de que os conteúdos dos distintos cursos universitários estejam configurados em torno de competências e preparar para o mercado de trabalho. Nesses momentos, a previsível inserção das competências na universidade já é um fato, e como consequência o sistema escolar não pode permanecer alheio a essas mudanças. A tradição de uma escola como meio de acesso à universidade deve se adaptar às novas demandas mas sem abrir mão de um ensino voltado ao humano e à construção do *ser* em si. Em segundo lugar, a maior pressão social sobre a necessária funcionalidade das aprendizagens força a introdução das competências.

A constatação da incapacidade de boa parte dos cidadãos escolarizados para saber utilizar seus conhecimentos que, teoricamente, possuem, ou que foram aprendidos em seu tempo escolar, em situações ou problemas reais, sejam cotidianos ou profissionais, está incidindo na necessidade de revisar o caráter dessas aprendizagens. O questionamento sobre a desconexão entre teoria e prática provocaram, como consequência, uma forte corrente de opinião favorável a um ensino de competências.

Entretanto, o terceiro fator é o determinante e, o que verdadeiramente agrupa as necessidades da sociedade e, portanto, do sistema educacional. Este é, a função social do ensino. Anteriormente mencionamos o caráter propedêutico e seletivo da escola tradicional, resultado de um ensino pensado, no fundo, para as minorias as quais tem maior facilidade de permanência no ensino superior. Posição, sem dúvida, inaceitável para as sociedades, as quais se consideram democráticas. Devemos reconhecer que uma escola com essas características fomenta a reprodução de desigualdades sociais.

A escola ensina somente as competências necessárias para as quais desenvolverão seu futuro em um contexto universitário, de modo que somente os que se decidem por esse caminho poderão aplicar as “competências” aprendidas. Por outro lado, para todos os que

optarem por alternativas, como a incorporação ao mercado de trabalho ou a formação profissional, a maioria das competências aprendidas não serão úteis e, o que é pior, não irão adquirir as competências necessárias para poder se desenvolver corretamente nesses âmbitos.

O ensino deve ser para todos, independentemente de suas possibilidades profissionais. Formar em todas as capacidades do ser humano, com a finalidade de responder aos problemas que a vida apresenta, se converte, assim, na finalidade primordial da escola. A partir dessa observação Gasparin (2007, p.8) esclarece que:

Ao colocar em prática os conhecimentos adquiridos, o sujeito modifica sua realidade imediata. Logo, o conhecimento teórico perde seu caráter de ser apenas “uma compreensão do que acontece”, para se tornar “um guia para a ação”.

Nesse sentido, é correto afirmar que a EJA contempla uma diversidade de culturas, o aluno passa a ser reconhecido como indivíduo sócio-histórico-cultural, sendo peça central de todo um processo educacional, com experiências e vivências acumuladas. Cada sujeito possui o seu tempo próprio de formação, com a influência direta do seu aprendizado local ou universal, construindo assim, uma perspectiva de resignificado da concepção de mundo. É nesse ínterim que entra a EJA como instrumento de alcance desses saberes, por meio das variadas formas de socialização dos conhecimentos e culturas.

Através do professor da EJA, é que poderemos consolidar os conceitos da modalidade na prática. Como o educando, o professor também é um aprendiz e é a partir desse contexto que Freire (1999, p.25-26) afirma que:

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensino. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise investigativa sobre a EJA do Colégio Tancredo Neves, nos dá um embasamento da situação atual e das muitas dificuldades que enfrentam as escolas na

aplicação dos métodos dessa modalidade. É assustador o número de pessoas que não conseguem interpretar um texto simples e ter um entendimento sobre a obra desenvolvida pelo autor. Mas a escola em questão não se depara sozinha nesse contexto, infelizmente ela não é a única na realidade da educação brasileira que sofre com uma herança deixada pelo mau tratamento que a educação recebeu no decorrer de sua história.

Ao desprezar a EJA no sistema público e regular, o Estado cede lugar à inserção de outras instituições. Não pretendemos, com essa pesquisa, concluir que, a culpa recaia sobre os ombros do professorado da escola, como responsável pela má qualidade ou pelas terríveis condições de trabalho oferecidas no Brasil. Já que fatores como condições de trabalho são cruciais para se avaliar essa situação, por outro lado, não podemos esquecer que o professor é o mediador entre o aluno e o conhecimento e responsável por essa relação de aquisição e construção. Esta tarefa impõe desafios permanentes aos docentes do Colégio Tancredo Neves, pois ainda por tratar-se uma escola periférica e de público variado, com uma determinada diversidade cultural, é fundamental que esse profissional da educação esteja permanentemente pensando sobre o seu fazer, buscando respostas, sempre provisórias, nunca definitivas, para as questões que a prática cotidiana traz.

Podemos perceber, que os professores da EJA da referida escola tem formação diferenciada para atuar na modalidade. É nítida as especificidades em relação aos outros docentes, pois a EJA traz um quadro de professores comprometidos com a educação de um público jovem, adulto e trabalhador. O compromisso desses professores é com o seu fazer e com seu aluno, um compromisso ético, calcado nos ideais de democracia, conscientização, transformação, diálogo, respeito ao aluno e educação como intervenção na realidade estão pautadas nesse compromisso e sem ele não podem colocar em prática. É fundamental reconhecer que se trabalha com pessoas cujos direitos foram e continuam sendo historicamente negados.

O docente deve reconhecer as lutas do povo brasileiro e seus movimentos sociais. Compreender a marginalização destes educandos, que dependem de adequação da escola e do trabalho pedagógico do professor, reconhecendo e valorizando os alunos como sujeitos, não só capazes de aprender mas de administrar sua sobrevivência pessoal, participar ativamente da comunidade como agente econômico, social e político, sem vê-los como meros receptores passivos de informações e cultura.

Essa proposta pedagógica vai de encontro com a ação do sujeito histórico, que influenciado pela sala de aula, desencadeará em um processo de superação das dificuldades, desafiando-os positivamente a aprender e construir seus saberes. Sem dúvida, quando se configura o século XXI, como sendo o do conhecimento e do desenvolvimento em condições nunca vistas anteriormente, destaca-se a necessidade de um pleno desenvolvimento humano, e de um novo humanismo a ser instaurado a partir da escola, para formar humanos, como afirmara certa vez Paulo Freire.

A Educação de Jovens e Adultos como modalidade educacional se constitui em um processo de humanização que jamais poderá prescindir da compreensão do homem, do humano. Pode-se pois, concluir, que a educação se desumaniza e deixa de ser um processo de construção do homem, para voltar-se contra o próprio homem e torna-se uma negação do processo educacional. A EJA, faz parte do que pensava Paulo Freire, educar na sua essência é a construção do humano no homem ao longo de toda a vida para possibilitar a plena socialização e singularização que em última instância nos levarão a uma sociedade mais justa, construída coletivamente, na interrelação entre seres que se educam reciprocamente, mediatizados pelo mundo.

Conclui-se que a modalidade de ensino EJA do Colégio Tancredo Neves passou por uma história de evolução. Essa evolução levou à tendências desenvolvidas no decorrer de sua história recente, atingindo assim, a formação do educador de jovens e adultos, e faz-nos refletir sobre as dimensões de seu trabalho, como: a localização da formação do educador da EJA dentro do processo educacional vigente, as tendências de sua formação e a reflexão a respeito da educação que queremos na perspectiva de superação das contradições do aluno que se quer formar.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1999.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, n. 248, 23 dez. 1996.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

FAORO, R. **Os donos do poder: formação do patronato brasileiro**. São Paulo: Globo, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1999.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2007.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 1995.

MOURA, M.G.C. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica**. Curitiba: Educarte, 2003.

OLIVEIRA, M. K. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação, nº 12. São Paulo: USP, 1999.

PALUDO, C. **Educação Popular: em busca de alternativas**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed. 2002.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Colégio Estadual Tancredo Neves**. Santa Maria/RS, 2016, s/p.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SAVIANI, D. **Educação brasileira: estrutura e sistema.** São Paulo: Saraiva, 1975.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** Campinas: Editores Associados, 2009.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, D. **Filosofia da educação brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico - crítica: primeiras aproximações.** Campinas: Autores Associados, 2008.